




SINTAXE SEM MEDO: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE ADJETIVOS EM FUNÇÃO DE ADJUNTO ADNOMINAL

 <https://doi.org/10.56238/levv16n48-055>

Data de submissão: 14/04/2025

Data de publicação: 14/05/2025

Abraão Cleber Silva Nolasco

Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo (IFES).

E-mail: abraao.nolasco@ifes.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5484918418555001>

Alfredo Evangelista dos Santos Neto

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL) da Universidade Federal do Espírito Santo.

E-mail: eualfredoevangelista@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7853775277291538>

Iulo Almeida Alves

Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

E-mail: iuloalmeida@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3785071411547175>

Tamires Huguenin Corrêa

Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

E-mail: tamires.correa@ifes.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0180366580403521>

RESUMO

Neste artigo, apresentamos uma proposta de ensino de adjetivos (e locuções adjetivas) em função de adjunto adnominal. Concebemos a língua como um instrumento de interação social (TRAVAGLIA, 2003) e o seu ensino deve ser com base nos usos reais que seus falantes fazem dela em diferentes situações de interação linguística (NEVES, 2020). Nossa proposta se justifica pelo fato de ainda hoje o ensino de Língua Portuguesa, sobretudo o de gramática, ser praticamente centrado na Gramática Tradicional, sendo feita a explanação dos conteúdos gramaticais a partir de frases inventadas e/ou trechos de textos sem relação nenhum com os textos de onde foram retirados, o que revela uma abordagem, em certa medida, ingênua e ineficaz. Considerando isso, tomamos o texto como ponto de partida para a explanação de tal conteúdo gramatical, visto que compreendemos que o texto é resultado da interação verbal entre indivíduos que se utilizam de determinada língua. Desse modo, nosso fazer toma o uso de adjetivos e locuções adjetivas em notícias de jornal *on-line* e suas respectivas manchetes. No que se refere à proposta em si, são utilizadas duas notícias e suas manchetes para o trabalho com a língua ao qual nos propusemos. Nossa ação não se centra apenas nos conhecimentos do professor, mas também no conhecimento prévio dos alunos, e consideramos que, nesse processo de ensino-aprendizagem, os alunos precisam ser sujeitos ativos. Esperamos que nossa proposta de ensino contribua com o ensino de língua materna, assim como chegue até os professores que se dedicam à educação básica atualmente.



Palavras-chave: Proposta de ensino. Língua em uso. Adjetivos. Adjunto adnominal.

1 INTRODUÇÃO

Quando voltamos a atenção para o ensino de Língua Portuguesa, sobretudo para o de gramática, notamos quão defasado e, em certa medida, desatualizado esse ensino se encontra. De modo geral, o trabalho que é feito com a língua em sala de aula se revela artificial e engessado, visto que tal instrumento de interação social é, muitas vezes, concebido de modo totalmente desvinculado da situação de interação linguística. Como expõem Furtado da Cunha e Tavares (2016, p. 13), o ensino de português nas escolas ainda está muito atrelado à orientação normativo-prescritiva, o que aprofunda o fosso existente entre a língua escrita formal e a língua oral e escrita utilizada em nossas interações comunicativas diárias. Além disso, observamos que o ensino de língua materna é fundamentado preponderantemente nas gramáticas tradicionais, sendo sua doutrina a respeito da língua o conhecimento consagrado (VIEIRA, BRANDÃO, 2007; NEVES, [1990]2020).

Ademais, não podemos esquecer que os exercícios sugeridos nas aulas de gramática são, majoritariamente, de identificação e classificação de termos da oração, o que, de certo modo, não se mostra proveitoso, já que atividades meramente metalinguísticas não são eficazes no sentido de atingir o objetivo central do ensino de Língua Portuguesa, que é formar indivíduos capazes de produzir e compreender textos diversos eficientemente (BRASIL, 2000).

Restringindo o nosso olhar para as aulas de sintaxe, por exemplo, notamos que os exemplos trabalhados são, sobretudo, frases inventadas ou totalmente desconectadas dos textos de onde foram retiradas, as definições são, geralmente, confusas, contraditórias e, na maioria das vezes, imprecisas (SILVA, 2017). Isso acaba revelando uma prática docente ingênua e sem noção dos objetivos aos quais se deseja chegar. Sendo assim, compreendemos que o professor, ao ensinar análise sintática, deve ter bem claros os objetivos aos quais ele deseja chegar a partir de sua prática educativa. Como bem pontua Ignácio (1993, p. 36), “a análise sintática deve constituir-se um meio para o ensino de língua escrita, e não um fim em si mesma” e tal ensino deve estar associado à produção e leitura de diversos gêneros textuais.

Nesse viés, com base em Autor (2021, p. 213), consideramos como indispensável que o professor tenha claro, em sua prática, **o que ensinar** e **como ensinar** Língua Portuguesa, já que, geralmente, tal ensino não tem relação alguma com a realidade linguística e social do aluno, o que torna essa prática, em certa medida, ineficaz. Outrossim, o professor deve refletir sobre o **porquê** e o **para quê** de ensinar gramática normativa ao seu aluno, pois um ensino centrado na identificação e classificação de elementos da oração, ou seja, a gramática pela gramática, pode não ser produtivo, o que resultará em muitos alunos com baixo aproveitamento no que se refere à produção e compreensão de diversos gêneros textuais.

Ademais, assumimos a posição de que o aluno precisa ser sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, podendo produzir tanto textos escritos quanto orais em sala de aula, na medida em que

é contraditório a aula de Língua Portuguesa ser “uma aula de expressão em que os alunos não podem se expressar” (BRASIL, 2000, p. 18).

Como neste trabalho concebemos a língua como um instrumento de interação social (TRAVAGLIA, 2003, p. 23), defendemos que o ensino de Língua Portuguesa, sobretudo o de gramática, deve tomar como foco o texto, entretanto este não deve servir de pretexto para atividades exaustivas de definição e classificação. Por conseguinte, as aulas de língua materna devem propiciar uma reflexão sobre a língua que capacite o usuário a perceber os níveis de adequação, de pertinência e de eficiência dos usos, segundo as destinações que cada situação de uso propõe (NEVES, 2018, p. 27). Entendemos que saber Português é, segundo Geraldi (1997, p. 45-46), “dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados, percebendo as diferenças entre uma forma de expressão e outra”.

Ressaltamos também que nosso trabalho está embasado nos pressupostos do Funcionalismo Linguístico, para o qual a linguagem é concebida como um instrumento de interação social. Nessa perspectiva, uma análise linguística funcionalista volta a atenção para a língua em uso, levando em conta aspectos de natureza sintática, semântica, pragmática, cognitiva e discursiva (GIVÓN, 1995; PEZATTI, 2015; NEVES, 2018). Não se limitando a estudar a estrutura linguística em si mesma, os estudos que se baseiam em tal concepção de linguagem procuram explicar a língua a partir das funções que ela exerce na comunicação (PEZATTI, 2005, p. 168). Trata-se, por conseguinte, de uma concepção que não desvincula a língua nem do falante nem do contexto em que é usada.

Expostas tais considerações iniciais e partindo da concepção de que o ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente o de gramática, tem de formar indivíduos pensantes, que sejam protagonistas em seu processo de aprendizagem, neste artigo temos como objetivo apresentar uma proposta de ensino de adjetivos em função de adjunto adnominal¹. Nosso fazer se direciona a alunos do 2º ano do Ensino Médio, embora acreditemos que tal proposta pode servir para outras séries da Educação Básica, feitas as adequações necessárias. Considerando que o texto deve ser a base do ensino de gramática, recorreremos aos gêneros textuais *notícia de jornal* e suas respectivas manchetes. É com base em tais textos que expomos tal conteúdo gramatical.

Antes de expormos nossa proposta, apresentamos o que as gramáticas de linha tradicional apresentam acerca da função sintática de adjunto adnominal, fazendo breves considerações sobre o que é posto por tais manuais. Em seguida, discorreremos sobre os adjetivos segundo gramáticas de base funcionalista. Feito isso, definimos os gêneros textuais notícia e manchete de jornal. E, por fim, apresentamos a proposta de ensino de adjetivos em função de adjunto adnominal.

¹ Três aulas de 60 minutos

2 OS ADJUNTOS ADNOMINAIS NA GRAMÁTICA TRADICIONAL

Tradicionalmente, os termos que constituem a oração são concebidos a partir de uma visão tripartida: essenciais (sujeito e predicado), integrantes (complemento verbal, complemento nominal e agente da passiva) e acessórios (adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto). Estes últimos, dentre os quais estão os adjuntos adnominais, são considerados, tradicionalmente, elementos secundários e não essenciais ao entendimento do enunciado. Conforme Cunha e Cintra (2001) pontuam,

chamam-se acessórios os termos que se juntam a um nome ou a um verbo para precisar-lhes o significado. Embora tragam um dado novo à oração, não são eles indispensáveis ao entendimento do enunciado. Daí sua denominação (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 149).

Apresentamos alguns exemplos retirados da gramática de Cunha e Cintra (2001):

(1) Na areia podemos fazer castelos **soberbos**, onde abrigar o **nosso íntimo** sonho (CUNHA CINTRA, 2001, p. 149, exemplos dos autores e grifos dos autores).

(2) Tinha **uma** memória **prodígio** (CUNHA CINTRA, 2001, p. 149, exemplos dos autores e grifos dos autores).

Temos também a posição de Luft (2002, p. 66), segundo o qual os termos acessórios da oração “não rigorosamente necessários à compreensão básica do enunciado, têm a (sub)função de determinar, qualificar e modificar outros termos”. Para esse gramático, os adjuntos adnominais, ao se referirem a outros termos, podem determinar, qualificar ou explicar, subdividindo-se em três classes: determinativos – [**o/um**] livro, [**este**] aluno, [**nostros**] colegas etc.; restritivos, qualitativos – o aluno [**que escreve**], o homem [**trabalhador**], uma casa [**nova**], os livros [**do professor**], etc.; explicativos – Pedro, [**que é inteligente**], concordou; O aluno, [**atento**], compreendeu a explicação; A lua, [**satélite da terra**], não tem luz própria, etc. (LUFT, 2002, p. 66, exemplos do autor e grifos do autor). Aqui, percebemos que os adjetivos na função de adjuntos podem servir para restringir, qualificar ou explicar o substantivo ao qual se ligam.

Rocha Lima (1992, p. 314), por sua vez, define o adjunto adnominal como um termo que pode juntar-se a um núcleo substantivo para lhe acrescentar um dado novo à significação. Destacamos alguns exemplos retirados da gramática de Rocha Lima: lar **feliz**, cavalo **de raça**, o professor, **minhas** filhas, **dois** irmãos (ROCHA LIMA, 2001, p. 314, exemplos do autor e grifos do autor).

Além disso, Bechara (2019) conceitua que os adjuntos adnominais, ao se referirem a uma expressão nominal, “têm por missão acrescentar uma ideia accidental complementar ao significado [do] substantivo nuclear” (BECHARA, 2019, p. 449). Vejamos alguns exemplos retirados desta gramática: “Noites **claras** prenunciam **bom** tempo.”; “**Alguns bons** momentos são inesquecíveis.”; “O homem **que tem coragem** [**corajoso**].” (BECHARA, 2019, p. 449, exemplos do autor e grifos do autor).

Podemos inferir, a partir de tais afirmações, que o adjetivo (e a locução adjetiva), ao funcionar como adjunto adnominal, embora apresente um dado novo, não contribui para a construção do sentido

do enunciado, sendo sua presença, desse modo, irrelevante. Assim, percebemos que esses teóricos, ao tratarem os adjuntos adnominais, embora façam menção à significação, limitam-se a aspectos morfosintáticos para fazerem as considerações a respeito dos elementos linguísticos, além de utilizarem exemplos descontextualizados, apresentados por frases soltas e desconectadas dos textos dos quais foram retiradas.

É importante sublinhar o nosso entendimento de que tais gramáticos, ao fazerem afirmações acerca do adjunto adnominal, levam em conta apenas a oração, independente do seu contexto pragmático, já que o propósito das gramáticas tradicionais se volta ao *bem falar e bem escrever*. Além disso, tais considerações são baseadas na estrutura do enunciado, no entanto isso não fica claro nesses manuais. Embora o que esteja em foco seja a estrutura da oração, percebemos, na verdade, um uso indiscriminado de critérios sintáticos, semânticos e discursivos, o que é problemático, porque, muitas vezes, esse uso confuso ecoa nas aulas de Língua Portuguesa, sobretudo nas de gramática.

Considerando isso, compreendemos o fato de que a adjunção é uma expansão da sentença como um todo e/ou dos elementos que a constituem, não sendo, portanto, obrigatória para a plenitude estrutural da oração, já que o elemento central e obrigatório para uma dada oração é o verbo². Entretanto, a partir da perspectiva baseada no uso adotada neste artigo, a qual, para analisar os usos linguísticos, perfilha não apenas aspectos estruturais da língua, mas também semântico-cognitivos e pragmático-discursivos, acreditamos que os adjuntos são um importante recurso do qual o usuário da língua lança mão, tornando-se, nesse sentido, indispensáveis para o discurso, já que, se o falante os colocou em uma dada sentença, é porque certamente trazem algum tipo de informação que se deseja veicular. Isso pode ser respaldado pela ideia de que “o fluxo de informação determina tanto a ordenação dos sintagmas na oração como a própria escolha do arranjo da predicação a ser ordenada, nos termos de: *escolha* da natureza do predicado; *seleção* dos argumentos; *eleição* dos satélites” (NEVES, 2011, p. 24, grifos da autora), ou seja, se determinado adjunto figura em determinado enunciado é porque, por alguma intenção, sobretudo, comunicativa, o falante o *elegeu* para estar ali.

Portanto, embora compreendamos o propósito desses manuais tradicionais, enxergamos como problemático as aulas de Língua Portuguesa, sobretudo as de gramática, se pautarem apenas no que é posto pela Gramática Tradicional, não realizando qualquer reflexão sobre isso nem levando em conta a língua em uso. Há muitos estudos e pesquisas com o olhar centrado nos usos reais da língua, como Sperança-Crisuolo (2014); Santos (2016), que podem colaborar, e muito, para o avanço do ensino de língua materna. Portanto, as aulas de gramática não devem se limitar a aspectos formais da língua nem a enunciados inventados e descontextualizados, mas fazê-lo a partir de textos, que são frutos do uso interativo da língua.

² Ver Perini (2016, p. 91).

3 O ADJETIVO SEGUNDO CASTILHO (2010)

De acordo com Castilho (2010, p. 511), “os adjetivos constituem um sintagma de formato semelhante ao dos demais sintagmas”. Os adjetivos são predicativos ou não predicativos. Os adjetivos predicativos “predicam o substantivo ou toda uma sentença; exibem flexão de grau, concordando em gênero e número com o substantivo a que se aplicam” (CASTILHO, 2010, p. 513). Já os não predicativos são aqueles que classificam o referente dos substantivos (CASTILHO, 2010, p. 513).

Quando adjunto adnominal, o adjetivo, “agrega ao núcleo do sintagma nominal propriedades semânticas que ele não tem, adensando a informação” (CASTILHO, 2010, p. 518). Notamos, a partir disso, a inclusão da semântica no tratamento do adjetivo, como adjunto adnominal, apontando que tal elemento linguístico apresenta contribuições quando adjungido a um substantivo.

No que se refere à semântica dos adjetivos predicativos, Castilho (2010) destaca que eles podem ser modalizadores, qualificadores ou quantificadores. Os adjetivos modalizadores evidenciam um juízo sobre o ser designado pelo adjetivo; os adjetivos qualificadores “afetam as propriedades intensionais do substantivo; e os adjetivos quantificadores afetam a extensão do substantivo” (CASTILHO, 2010, p. 523). Ainda sobre os adjetivos predicativos modalizadores, Castilho (2010) afirma que estes “predicam o sentido de um substantivo numa forma subjetiva, visto que eles verbalizam uma avaliação pessoal do falante sobre o conteúdo desse substantivo. O significado que resulta dessa operação realça a intervenção do locutor” (CASTILHO, 2010, p. 524-525). Tais adjetivos modalizadores se subclassificam em epistêmicos (causa **real**), deônticos (decisão **obrigatória**) e discursivos (cidade **asfixiante**) (CASTILHO, 2010, p. 524-525, grifos do autor).

Os adjetivos predicativos qualificadores, segundo Castilho (2010, p. 526), “interferem nas propriedades intensionais do substantivo, alterando-as de forma a agregar traços (i) de qualificação polar, por antonímia; (ii) de dimensão; (iii) de graduação; e (iv) de aspectualização”. Desse modo, há adjetivos qualificadores polares (**limpo/sujo**, **bonito/feio**); adjetivos qualificadores dimensionadores (janelas **largas**, cabelo **comprido**); adjetivos qualificadores graduadores (sucesso **tremendo**, previsão **incrível**); adjetivos qualificadores aspectualizadores (queda **lenta**, interesse **momentâneo**); e adjetivos delimitadores aproximadores (**relativa** disposição, fatalidade **biológica**) (CASTILHO, 2010, p. 526-528, exemplos do autor e grifos do autor).

Sobre os adjetivos predicativos quantificadores, Castilho (2010, p. 529) diz que “modificam a extensão dos substantivos. Ao quantificar por meio dos adjetivos, adicionamos ou subtraímos indivíduos e/ou traços semânticos de um conjunto”. Esses adjetivos podem se subdividir em quantificadores aspectualizadores iterativos (trabalho **normal**) e quantificadores delimitadores (ideia **básica**) (CASTILHO, 2010, p. 529-530, exemplos do autor e grifos do autor).

Além dos tipos de adjetivo que apresentamos anteriormente, Castilho (2010) expõe também os adjetivos de verificação (não predicativos ou adjetivos relativos). Esses adjetivos servem para inserir

o substantivo ao qual se referem em determinada classe. Segundo o autor, verificação é “o processo pelo qual determinadas classes promovem uma comparação implícita entre seu escopo e o correspondente sentido prototípico” e os adjetivos de verificação “têm por função dispor o conteúdo do substantivo em diferentes perspectivas” (CASTILHO, 2010, p. 531). Tais adjetivos podem se subdividir em classificadores, pátrios, gentílicos e de cor.

Castilho (2010) destaca que os adjetivos classificadores (assembleia legislativa) colocam o substantivo em determinada classe e sempre estão pospostos a este. Os adjetivos pátrios (**africanos**, **americanos**, **brasileiros**) se referem a países, regiões, estados etc. O autor, com base em Cunha e Cintra (1985), diz que os adjetivos gentílicos (**indígena**, **amarelos**, **brancos**, **negros**) se referem a raças e povos. E os adjetivos de cor (**branco**, **amarelada**) “atribuem uma cor ao substantivo” (CASTILHO, 2010, p. 532, exemplos do autor e grifos do autor).

Por último, temos também os adjetivos dêiticos, que podem ser locativos e temporais. Castilho (2010) considera que os dêiticos locativos (grupo mais **próximo**, [...] perto do bar, ali, **fronteiriço**, direção **remota**) indicam ideia de lugar e os dêiticos temporais (futuro **próximo**, dia **seguinte**) apresentam um sentido de tempo (CASTILHO, 2010, 534, exemplos do autor e grifos do autor).

Além dessas classificações trazidas pelo autor, há uma ligeira menção ao papel que o adjetivo exerce no texto. Com base nos trabalhos de Bastos (1993) e Mosca (1990), o autor faz menção à importância dos adjetivos no que se refere ao seu status informacional e às suas funções argumentativas. Observamos, portanto, a partir do que traz Castilho (2010), que o adjetivo é um elemento de suma importância para o texto, uma vez que agrega informações a este, além de orientar o ponto de vista do leitor, por exemplo, imprimindo *status* de verdade, aumentando a compreensão do substantivo etc. Nesse sentido, é fundamental e necessário um estudo do adjetivo que leve em conta o seu funcionamento no texto.

4 O ADJETIVO SEGUNDO NEVES (2011; 2018)

Conforme expõe Neves (2011, p. 173), “o adjetivo é usado para atribuir uma propriedade singular a uma categoria (que já é um conjunto de propriedades) denominada por um **substantivo**”. Além disso, ao atribuir determinada propriedade a essa categoria, ele pode qualificar ou subcategorizar. Vejamos os exemplos trazidos por Neves (2011), em sua *Gramática de usos do Português*:

(3) Lembro-me de alguns, Dr. Cincinato Richter, **homem grande**, **gentil** e **sorridente**, que às vezes trazia seu filhinho Roberto e a esposa, **moça bonita** e **simpática** (ANA) (NEVES, 2011, p. 173, exemplos da autora e grifos da autora).

Neste exemplo apresentado, podemos observar que os adjetivos destacados qualificam o substantivo ao qual se referem.

No enunciado a seguir, os adjetivos em destaque subcategorizam o substantivo ao qual se referem. Observemos:

(4) Foi providenciada perícia médica e estudo psicológico (ESP) (NEVES, 2011, p. 173, exemplos da autora e grifos da autora).

O adjetivo qualificador (ou qualificativo) atribui um valor que não define propriamente o substantivo ao qual se refere. De acordo com Neves (2011, p. 185), esse adjetivo apresenta uma característica mais, ou menos, subjetiva, mas que, de certo modo, é vaga. São adjetivos qualificadores aqueles com prefixos negativos (imaturo, incompleto) e todos os que são formados a partir de verbos por meio de sufixação (desenfreada, apodrecidas). Neves (2011) diz, ainda, que os adjetivos qualificadores podem ser graduáveis e intensificáveis. Além disso, podem apresentar diferentes valores semânticos.

Os adjetivos classificadores (ou classificatórios), de acordo com Neves (2011, p. 186) “colocam o substantivo que acompanham em uma subclasse, trazendo em si uma indicação objetiva sobre essa classe”. Neves (2011, p. 193), ainda, pontua que “muitos adjetivos classificadores expressam noções adverbiais (delimitação, ou circunscrição; localização no espaço; localização no tempo; quantidade de tempo transcorrido; substituição no tempo)”.

Ainda segundo Neves (2018, p. 281-283), o adjetivo é um recurso linguístico de suma importância para diferentes gêneros textuais, uma vez que pode ser usado para fazer uma apreciação de determinada entidade representada no texto. Além disso, o adjetivo pode ser um artifício fundamental para marcar o posicionamento do usuário da língua. Como diz Neves (2018, p. 283), “há um grande número de situações de discurso em que o uso dessa classe de palavras é, de um modo particular, frequente e eficiente”.

5 A MANCHETE E A NOTÍCIA JORNALÍSTICAS

Como nosso trabalho se fundamenta na perspectiva que considera o uso da língua em situações reais de comunicação, toma-se o texto como base de nosso procedimento de ensino, uma vez que “a comunicação acontece por meio de textos” (TRAVAGLIA, 2003, p. 19). Por isso, escolhemos os gêneros textuais manchete e notícia de jornal *on-line*, uma vez que tais gêneros são muito comuns na sociedade brasileira e é por meio destes que grande parte dos brasileiros busca se informar.

Marcuschi (2008, p. 154) considera que não há como se comunicar senão por meio de gêneros textuais, uma vez que a comunicação acontece a partir de um texto realizado em determinado gênero textual. Vale salientar também que, como aborda Marcuschi (2008, p. 154), “os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação além da justificativa individual”.

Nesse sentido, conhecer os diversos gêneros textuais é importante para a interação linguística e faz parte do processo de apropriação de determinada língua.

O gênero manchete de jornal é considerado um texto muito comum nas relações interdiscursivas, sociais e pragmaticamente situadas. É um gênero que aparece na primeira página do jornal, cujo objetivo é destacar, de maneira resumida, as notícias mais importantes (AMORIM; ROCHA; COSTA, 2012, p. 10). Além disso, Abraçado e Silva (2014, p. 237) pontuam que esse gênero textual “expõe de forma mais direta e resumida a informação considerando o acontecimento em tempo real, por isso a linguagem adotada deve refletir a atualização constante da notícia”.

Acerca da estrutura da manchete, Rangel (2002, p. 1168) afirma que, de maneira geral, esse gênero apresenta orações curtas, em ordem direta, sem rebuscamento e inversões sintáticas. A manchete pode ser considerada como um título que antecipa a notícia e, por isso, não é pontuada, exceto quando é em forma de pergunta.

Agora, a respeito da notícia jornalística, Lage (1987, p. 16) expõe que pode ser considerada como “o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”. Sendo assim, depreendemos que todas as informações apresentadas na notícia possuem certa importância. Cabe pontuar que a notícia não é uma narrativa de acontecimentos cotidianos, mas uma exposição destes (LAGE, 1987, p. 16). Ressaltamos, segundo Lage (1987), que a notícia “pode comover, motivar revolta ou conformismo ou gratificar alguns de seus consumidores”. Além disso, por ser um gênero textual basicamente referencial, trata das aparências do mundo, por isso, expressões subjetivas devem ser ignoradas: não é notícia o que alguém pensou, imaginou, concebeu, sonhou, mas o que alguém disse, propôs, relatou ou confessou. Na notícia, não se argumenta, não se constroem silogismos, não se concluem hipóteses.

A notícia pode se estruturar da seguinte maneira, de acordo com Abaurre e Abaurre (2007, p. 71): título (ou manchete); enunciado breve que destaca o aspecto principal do que será noticiado (também chamado de **olho**); lide (ou *lead*), que é o primeiro parágrafo da notícia e que responde a três questões (o quê? quem? quando?); e o corpo da notícia, que vai desenvolver as informações apresentadas no lide e responder a outras duas questões (como? por quê?).

Nesse sentido, compreendemos que a notícia é, de modo geral, um gênero textual objetivo, no entanto não é um texto neutro, já que sempre, ao produzirem textos, os falantes estão praticando ações, atos de fala (BENTES, 2012, p. 270). De igual modo, como apontam Fiorin e Savioli (2003, p. 254), “o relato manipulado pelo escritor pode levar o leitor a deduções positivas ou negativas sobre o que leu. Não se pode ignorar o fato de que o próprio ato de informar pode ser manipulado em função da defesa de interesses específicos e da visão de mundo de quem escreve”. Entendemos, também, que, no gênero em questão, o produtor não busca apresentar a sua opinião de maneira explícita, todavia a maneira como ele constrói o texto, a escolha das palavras e os dados selecionados e apresentados

revelam muito sobre o enunciador e o seu ponto de vista ideológico, além de contribuírem para que determinados efeitos de sentido sejam gerados no leitor.

6 O ADJETIVO, EM FUNÇÃO DE ADJUNTO ADNOMINAL, NA LÍNGUA EM USO: UMA PROPOSTA DE ENSINO

Com tal proposta de ensino, intencionamos que os alunos possam ser capazes de analisar criticamente o uso do adjetivo e locução adjetiva, em função de adjunto adnominal, em notícias de jornal *on-line* e suas respectivas manchetes. Além disso, esperamos que, ao final de tal ação educativa, eles sejam capazes de compreender os gêneros textuais manchete e notícia jornalística e sua função social; observar o funcionamento do adjetivo e locução adjetiva, como adjuntos adnominais, nos gêneros manchete e notícia jornalística; interpretar os possíveis efeitos de sentido gerados a partir do uso do adjetivo e locução adjetiva, em função de adjuntos adnominais, em notícias de jornais *on-line* e suas respectivas manchetes; reconhecer a importância do uso do adjunto adnominal, principalmente dos adjetivos (e locuções adjetivas) ao exercerem tal função sintática, para que o usuário da língua atinja seus propósitos comunicativos; apreender como as gramáticas de base funcionalista reconhecem o adjetivo; entender as definições de adjunto adnominal feitas pelas gramáticas tradicionais; depreender as características de adjunto adnominal, com base na tradição gramatical; problematizar os conceitos das gramáticas tradicionais acerca do adjunto adnominal, com base no funcionamento dos adjetivos adjuntos. Como recursos didáticos, serão utilizados *datashow*; quadro; pincéis; apagador; gramáticas tradicionais; gramáticas de base funcionalista; e cópias da atividade avaliativa.

No que se refere às ações que serão tomadas, inicialmente, o professor instigará os alunos, por meio de algumas questões, a fim de que eles digam ao que recorrem quando querem caracterizar/classificar/categorizar determinado evento, determinada pessoa, ou entidade, ou seja, que palavras eles usam para realizar tal função comunicativa. Além disso, o docente perguntará aos alunos quais palavras eles costumam usar quando querem opinar sobre determinado elemento do seu mundo biofísico, atribuindo ideia positiva ou negativa a esse elemento. Este primeiro momento servirá para saber se os alunos reconhecem o que é um adjetivo e para que serve tal elemento. Buscamos fazer que os alunos reflitam, inicialmente, acerca da sua língua e dos elementos que a constituem. Esperamos que eles entendam que o adjetivo é um item lexical de suma importância para a comunicação verbal, já que pode ser um recurso a partir do qual os falantes usam para direcionar a atenção do seu interlocutor a respeito de determinado evento, acontecimento, pessoa, isto é, aquilo que é designado por um substantivo. Ressaltamos que, neste primeiro momento, não buscamos expor aquilo que é posto pelas gramáticas tradicionais, mas sim averiguar o conhecimento prévio dos alunos a respeito de sua língua e, mais especificamente, dos adjetivos.

Quadro 2 – Perguntas para os alunos

1. Quando vocês querem caracterizar/classificar/categorizar um determinado evento, uma determinada pessoa, um determinado objeto, quais palavras vocês usam para fazerem isso?
2. Quando vocês querem opinar, atribuindo uma ideia positiva ou negativa, sobre determinado acontecimento, pessoa, coisa, que recursos da comunicação vocês utilizam?
3. Quais palavras vocês utilizam para buscar persuadir, convencer seu interlocutor, isto é, direcionar a atenção/visão do seu destinatário em relação a determinado evento do mundo biofísico de vocês, a determinada pessoa, coisa etc.?

Fonte: produzido pelos autores (2024).

Em seguida, o professor discutirá com os alunos o porquê de eles se comunicarem, para que eles reconheçam que todo e qualquer ato comunicativo possui uma intencionalidade e, assim, ao se depararem com os diversos gêneros textuais, compreenderão que todo texto tem por trás um determinado propósito comunicativo do indivíduo que o produziu.

Quadro 3 - Perguntas para os alunos

4. Vocês poderiam me dizer por qual/quais motivo/s vocês se comunicam?
5. Vocês acreditam que qualquer ato comunicativo possui uma intencionalidade por trás, ou seja, nós falantes, ao decidirmos interagir com outro falante, temos um propósito que queremos atingir?
6. Vocês sabiam que, quando nos comunicamos, produzimos diferentes textos que pertencem a determinado gênero textual?

Fonte: produzido pelos autores (2024).

Em seguida, uma breve revisão acerca de gêneros textuais será feita, uma vez que, quando nos comunicamos, geralmente construímos predicados, que formam enunciados que formarão textos pertencentes a determinado gênero textual. Além disso, o professor fará uma breve revisão a respeito dos gêneros textuais manchete e notícia jornalística. Primeiramente, os alunos lerão duas notícias e suas respectivas manchetes, que serão projetadas por meio do *Datashow*, para que, assim, o conhecimento a respeito de tais gêneros seja construído, levando em conta a sua função social e a sua estrutura. Os textos a serem projetados e lidos são os seguintes:

Motorista embriagado se envolve em acidente em Cachoeiro de Itapemirim, ES

Ele foi detido e autuado em flagrante por embriaguez ao volante. Caso aconteceu na chamada Rua dos Bancos.

Por G1 ES e TV Gazeta

14/01/2020 21h18 - Atualizado há um ano



Um motorista visivelmente embriagado se envolveu em um acidente com três veículos, nesta terça-feira (14), em Cachoeiro de Itapemirim, Sul do Espírito Santo. Ele foi detido e autuado em flagrante por embriaguez ao volante.

De acordo com testemunhas, um dos veículos parou para a travessia de pedestres, na rua conhecida como Rua dos Bancos. O carro que seguia atrás, conduzido pelo homem embriagado, não conseguiu parar a tempo, e bateu na traseira. Depois, ele deu ré e bateu em um terceiro veículo.



Motorista quase se envolveu em briga após o acidente, em Cachoeiro — Foto: Reprodução/TV Gazeta

Policiais militares chegaram ao local e conduziram o homem para a delegacia. Lá, ele foi autuado.

"Ele se recusou a fazer o teste [do bafômetro], mas hoje em dia temos outras formas de constatar eventual alteração da capacidade psicomotora do conduzido. Estava evidente que estava bem alterado. Foi feito um exame clínico constatando esses sinais. Em virtude disso, estava sendo autuado em flagrante pelo crime de embriaguez ao volante", disse o delegado Robson Vieira.

O valor da fiança foi arbitrado em R\$ 5 mil. Até o fechamento da reportagem, o G1 não conseguiu confirmar se ele continuava preso ou se havia sido liberado.

Fonte: G1 ES (2020).



Início / Brasil

Casal bolsonarista é preso por agredir filho adotivo, que está em estado grave

Conselheira tutelar verificou indícios de tortura do casal contra a criança de oito anos

Por Redação 9 dez 2019 - 18:18



Cristão e seguidor de Jair Bolsonaro, o casal Sarah Carvalho e Israel Antunes foi preso em flagrante neste domingo (8) por suspeitas de agredir o filho adotivo com “chineladas e palmadas” que fizeram o menino de 8 anos ir parar na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Evangélico de Londrina (PR).

A criança foi adotada pelo casal há cerca de dois meses. Os pais resolveram usar das agressões físicas para “corrigir a postura”. O método adotado, que incluiria tortura segundo o Conselho Tutelar, deixou graves lesões,

No Boletim de Ocorrência registrado na delegacia, uma conselheira tutelar foi acionada pelo hospital assim que o menino deu entrada no local. A unidade médica avaliou que as lesões eram típicas de agressões.

Assim que chegou ao local, a conselheira verificou as marcas, notou indícios de tortura, e prontamente acionou a Polícia Militar. O casal foi levado à delegacia e preso em flagrante.

Fonte: Revista Fórum (2019).

Feita a revisão sobre os gêneros textuais manchete e notícia, o professor pedirá aos alunos que encontrem os adjetivos e locuções adjetivas presentes nos dois textos lidos. Após a identificação de tais itens lexicais, os alunos serão conduzidos a selecionar, no texto, apenas os adjetivos que se põem ao lado do substantivo ao qual se referem, já que o objetivo da aula é analisar o uso dos adjetivos e locuções adjetivas em função de adjunto adnominal nos gêneros textuais em questão. Neste primeiro momento, a intenção não é definir o que é um adjunto adnominal nem sistematizar um determinado conhecimento a respeito da classe dos adjetivos, mas sim explorar o conhecimento linguístico dos alunos. Essa ação se dará com a sala em conjunto, para que os alunos interajam entre si e reflitam colaborativamente.

Quadro 4 - Perguntas para os alunos

7. Agora que fizemos uma primeira leitura das duas notícias, vocês deverão encontrar, numa nova leitura, os adjetivos e locuções adjetivas presentes nos dois textos.

8. Feito isso, vocês, agora, deveram voltar o olhar apenas para os adjetivos e locuções adjetivas que se põem ao lado do substantivo (antes ou depois deste).

Fonte: produzido pelos autores (2024).

Sendo feita a identificação pedida, o professor solicitará aos alunos que interpretem os efeitos de sentido gerados a partir do uso dos adjetivos e das locuções adjetivas que se adjungem ao substantivo, relacionando esse funcionamento a toda a notícia e manchete. Lembramos que, nesse primeiro momento, a atividade é colaborativa e, portanto, os alunos compartilharão os seus achados com a turma, sendo possível que os colegas acrescentem o que perceberam que outros colegas não perceberam a partir do uso do adjetivo (e da locução) em função de adjunto adnominal. É necessário ressaltarmos que os alunos devem ficar o mais confortáveis possível durante essa atividade, e que é um momento de aprendizagem e que ninguém tem que saber tudo. Nesse sentido, o professor precisa deixar claro para eles que não há um efeito de sentido único nem apenas uma resposta correta.

Quadro 5 - Perguntas para os alunos

9. Agora que vocês já identificaram, quais são os efeitos de sentido que vocês conseguem interpretar a partir do uso desses adjetivos que vocês identificaram? Em seguida, compartilhem com a turma os seus achados.
--

Fonte: produzido pelos autores (2024).

Após os alunos interpretarem os possíveis sentidos gerados pelo uso dos adjetivos (e locuções adjetivas), funcionando como adjunto adnominal, nas duas notícias lidas, e compartilharem com os colegas, o professor pedirá que os alunos removam esses adjetivos e locuções adjetivas e leiam novamente as duas notícias selecionadas e suas respectivas manchetes. Em seguida, o docente perguntará se houve ou não alteração do sentido do texto e digam por que há alteração. Esperamos que os alunos reflitam sobre a importância desses elementos ao assumirem a função de adjunto adnominal, compreendendo as significações originadas a partir desse uso, a importância do adjetivo, em função de adjunto adnominal, no texto, já que não está relacionado apenas aos outros termos que compõem a oração, mas também ao propósito do falante/enunciador. Essa ação se dará com base naquilo que expõem as gramáticas tradicionais acerca do adjunto adnominal, visto que estas consideram tal função sintática como desnecessária para o entendimento do enunciado

Quadro 6 - Perguntas para os alunos

10. Agora, quero que vocês removam os adjetivos e as locuções adjetivas que estão ao lado dos substantivos e leiam novamente as duas notícias.
--

11. Com essa remoção, houve mudança no sentido das notícias e das manchetes, e estas continuam sendo claras?
--

Fonte: produzido pelos autores (2024).

A partir de toda a discussão realizada, o professor apresentará breves considerações feitas pelas gramáticas de base funcionalista a respeito dos adjetivos e as características e definições de adjunto adnominal que as gramáticas tradicionais. Esta parte da aula será basicamente metalinguística, a fim de que os alunos sistematizem o conteúdo estudado. Nesta parte da aula, os alunos serão conduzidos a compreender o que é um adjunto adnominal, as suas características, seus papéis na oração e quais são

as classes de palavras que podem exercer tal função na oração. Salientamos que, durante essa ação, o professor auxiliará os alunos na diferenciação de adjunto adnominal e complemento nominal, já que algumas locuções adjetivas, a depender do substantivo, funcionam, na verdade, como complemento nominal.

Apresentadas as definições de adjunto adnominal presentes nas gramáticas tradicionais, os alunos farão um contraste entre o que está posto pela tradição gramatical e o que perceberam a partir do uso dos adjetivos e locuções adjetivas, em função de adjunto adnominal, nas notícias e suas respectivas manchetes. Por um lado, o professor deve deixar claro para os alunos que, considerando apenas a estrutura da oração, os adjuntos podem, sim, ser removidos, sem que haja prejuízo gramatical. Por outro lado, no entanto, considerando a perspectiva adotada neste trabalho, o docente também deve ressaltar o fato de que, quando interagimos verbalmente, não temos o objetivo apenas de elaborar enunciados bem formados estruturalmente, mas, pelo contrário, falamos para atingir um propósito comunicativo, como informar, opinar, argumentar, persuadir, convencer etc., e isso fica bem claro a partir do uso dos adjetivos em função de adjunto adnominal nas notícias selecionadas para abordagem de tal conteúdo gramatical.

Quadro 7 - Perguntas para os alunos

12. Considerando a exposição das definições de adjunto adnominal feitas pelas gramáticas tradicionais e levando em conta que os adjetivos e as locuções adjetivas que selecionamos exercem tal função sintática nos textos que lemos, podemos considerar tais elementos linguísticos como desnecessários para o entendimento do texto e, portanto, dispensáveis, como afirmam tais gramáticas?

Fonte: produzido pelos autores (2024).

Almejamos que os alunos problematizem o que é apreendido pelas gramáticas tradicionais, reconhecendo a importância dos elementos verbais estudados na língua em uso e que, apesar de ser importante, a Gramática Tradicional não dá conta de todos os usos da língua, tendo a necessidade, então, de ser pensada, problematizada e ampliada. Os alunos como usuários da língua que são precisam entender o lugar da gramática e compreendê-la como um instrumento de consulta e de estudo, e não a língua em si, isto é, eles precisam entender que não é a gramática que molda a sua língua, embora queira ditar como esta deve ser usada, mas o próprio falante que faz uso da linguagem nas diferentes situações de comunicação.

Para o encerramento das aulas, o professor proporá, como método avaliativo, a realização de uma atividade em dupla. Nesta atividade, a dupla deverá, com base na leitura de uma notícia de jornal e sua manchete, identificar os adjetivos que funcionam como adjuntos adnominais, interpretar os efeitos de sentido gerados a partir do uso desses adjetivos e evidenciar em que medida tal elemento é importante para que o produtor desses textos atinja seus propósitos comunicativos. Destacamos que, embora se proponha essa atividade avaliativa, o processo de avaliação também se dará durante todo o processo educativo com base na participação dos alunos.

A avaliação tem como objetivo motivar, sobretudo, o pensamento crítico dos alunos a partir da problematização da definição de adjunto adnominal apresentado por três gramáticos tradicionais (CUNHA; CINTRA, 2001; LUFT, 2002), com base na análise e interpretação do uso do adjetivo e da locução adjetiva, em função de adjunto adnominal, em uma manchete. Abaixo, segue a atividade a ser proposta:

Quadro 8 – Atividade avaliativa a ser proposta

ATIVIDADE AVALIATIVA

Leiam a manchete e a notícia a seguir:

MENU

G1

ESPÍRITO SANTO

Espírito

Q

BUSCAR

Motorista bêbado e sem carteira atropela duas crianças em São Mateus, diz polícia no ES

Conductor foi autuado em flagrante por lesão corporal culposa na direção de veículo, embriaguez ao volante, e por ter fugido do local do acidente. Crianças foram socorridas.

Por G1 ES e TV Gazeta

10/12/2019 14h56 · Atualizado há um ano

Duas crianças de 10 anos foram atropeladas, no final da tarde de segunda-feira (9), em Guriri, em São Mateus, no Norte do Espírito Santo. Segundo a Polícia Militar, o motorista estava embriagado e não tem carteira de habilitação. Ele tentou fugir, mas foi preso.

As crianças voltavam da escola quando foram atropeladas. O suspeito tentou fugir do local do acidente, mas populares conseguiram prendê-lo até a chegada da polícia.

Ele foi autuado em flagrante por lesão corporal culposa na direção de veículo, embriaguez ao volante, e por ter fugido do local do acidente.

As crianças foram levadas para o Hospital Roberto Silveiras, no município. A Secretaria Estadual de Saúde (Sesa) não informou o estado de saúde delas.

1. A partir da leitura, identifiquem os adjetivos e as locuções adjetiva, que funcionam como adjunto adnominal, na manchete dessa notícia. Após identificarem, apresentem os possíveis efeitos de sentido gerados a partir do uso desses adjuntos adnominais. Embora, vocês devam voltar o olhar apenas para os adjetivos e locuções presentes na manchete, levem em consideração todo o texto para interpretar os efeitos de sentido produzidos.

2. Leiam as definições a seguir:

Os adjuntos adnominais são considerados pelas gramáticas tradicionais como termos acessórios da oração. De acordo com Cunha e Cintra (2001, p. 149), chamam-se acessórios os termos que se juntam a um nome ou a um verbo para precisar-lhes o significado. Embora tragam um dado novo à oração, não são eles indispensáveis ao entendimento do enunciado. Daí sua denominação.

Luft (2002, p. 66) considera que os termos acessórios da oração “não rigorosamente necessários à compreensão básica do enunciado, têm a (sub)função de determinar, qualificar e modificar outros termos.”

Com base nessas definições, nos efeitos de sentido gerados pelo uso dos adjetivos, em função de adjunto adnominal, na manchete lida, nos propósitos comunicativos do produtor da notícia, é possível considerar o adjetivo e locução adjetiva, ao exercerem o papel de adjunto adnominal, como termos irrelevantes para a manchete lida e para a notícia? Apresente uma explicação plausível para sua resposta.

Fonte: produzido pelos autores (2024).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tivemos como objetivo central sugerir uma proposta de ensino dos adjetivos (e locução adjetiva) em função de adjunto adnominal em notícias jornalísticas e suas respectivas manchetes. Dados os obstáculos que enfrenta o ensino de Língua Portuguesa, sobretudo o de gramática, compreendemos a necessidade de a prática com a língua em sala de aula ser renovada, visto que, ainda hoje, o ensino de Língua Portuguesa é majoritariamente centrado na Gramática Tradicional.

Além disso, os exemplos que são trabalhados em sala de aula são, em sua maioria, frases inventadas ou trechos retirados de textos para atividades de mera identificação e classificação de termos da oração, evidenciando um trabalho com a língua totalmente desvinculado da realidade do alunado e, também, da situação de interação linguística. Isso acaba contribuindo com a falsa ideia de que o Português é uma língua difícil ou, até, que os falantes do Português não sabem a sua própria língua. Embora compreendamos que a gramática normativa tenha o seu lugar nas aulas de Língua Portuguesa, isso não pode ser feito de modo irrefletido e sem propósitos claros.

Nesse sentido, com tal proposta, pretendemos sugerir uma abordagem diferenciada daquilo que se vem fazendo nas aulas de Língua Portuguesa. Acreditamos que apenas criticar o ensino de língua materna não é a maneira mais profícua de se mudar tal realidade, é necessário mostrar meios de superar tais percalços, metodologias que se mostrem eficazes e coerentes, e é por isso que apresentamos tal proposta de ensino. Por meio de nossa proposta, esperamos contribuir para que o trabalho com a língua em sala de aula leve em conta os usos linguísticos feitos por usuários reais em situações de comunicação concretas. Nesse viés, nossa prática se dá a partir de textos, que são frutos da interação verbal, já que defendemos que o ensino de gramática deve ter como base os diferentes textos. Além disso, nosso fazer não se centra somente no conhecimento do professor, mas dos alunos também.

Assim, damos lugar a uma ação conjunta professor-aluno, compreendendo que os alunos também são detentores de conhecimentos e têm muito a contribuir nas aulas de língua materna, já que queremos que eles sejam sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem. Desejamos que tal proposta de ensino chegue aos professores da educação básica que não se limitam ao que já está posto e ao que é mais cômodo, mas que buscam formar sujeitos pensantes, capazes de agir criticamente sobre o que leem e ouvem, e capazes de produzir textos escritos e orais de modo eficiente.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. L.; ABAURRE, M. B. M. Produção de texto: interlocução e gêneros. São Paulo: Moderna, 2007.
- ABRAÇADO, J.; SILVA, C. S. Manchetes de jornais on-line: grau de transitividade e emprego do presente do indicativo em referência ao passado recente. *Revista Confluência*, Rio de Janeiro. n. 46, p. 221-250, set. 2014.
- AMORIM, C. M. da S.; ROCHA, L. H. P. da; Costa, M. J. Estratégias de apagamento do agente no gênero manchete: um olhar funcionalista. *Revista Saberes*, Vitória. v. 10, p. 27-47, 2012.
- ANTUNES, I. Aula de português: encontro e interação. 6. ed. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAGNO, M. Gramática pedagógica do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2011.
- BASTOS, D. da M.; LIMA, H. C. de; SANTOS, S. B. da C. Ensino de classes de palavras: entre a estrutura, o discurso e o texto. In: SILVA, A.; PESSOA, A. C.; LIMA, A. (orgs.). Ensino de gramática: reflexões sobre a língua portuguesa na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- BASTOS, L. C. Da gramática ao discurso: uma análise das funções do adjetivo no português falado. 1993. 317f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. v. 1. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Língua Portuguesa. Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2000.
- BRITTOS, V. C.; GASTALDO, E. Mídia, poder e controle social. *Revista Alceu*, Rio de Janeiro. v. 7, n. 13, p. 121-133, jul./dez. 2006.
- BUZEN, C. Conhecimentos linguísticos na escola: como os livros didáticos vêm caminhando nesse terreno nebuloso. In: COSTA VAL, M. da G (org.). Alfabetização e língua portuguesa: livros didáticos e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, Ceale/Fae/ UFMG, 2009.
- CASAL bolsonarista é preso por agredir filho adotivo, que está em estado grave. *Revista Fórum*, Londrina, 9 de dez. de 2019. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/brasil/casal-bolsonarista-e-preso-por-agredir-filho-adotivo-que-esta-em-estado-grave/#>>. Acesso em: 16 de mai. 2021.
- CASTILHO, A. T. de. Nova gramática do português brasileiro. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. Nova gramática do português contemporâneo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FARACO, C. A. Desde quando somos normativos? In: VALENTE, A. (org.). Unidade e variação na língua portuguesa: suas representações. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2017.
- FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. Para entender o texto: leitura e redação. 16. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. Funcionalismo e ensino de gramática. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2016.

IGNÁCIO, S. E. Por exemplo, o ensino da análise sintática. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 37, 1993. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3931>>. Acesso em: 8 out. 2021.

LAGE, N. *Estrutura da Notícia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MAROCCO, B.; BERGER, C. A notícia como forma de controle social. *Revista Contracampo*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 07-18, 2006.

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUZEN, C.; MENDONÇA, M. (orgs.) *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006.

MOSCA, L. L. S. *A subjetividade no editorial: uma análise retórico-argumentativa da adjetivação*. 1991. Tese. Universidade de São Paulo, São Paulo.

MOTORISTA embriagado se envolve em acidente em Cachoeiro de Itapemirim, ES. G1, Vitória, 14 de jan. de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2020/01/14/motorista-embriagado-se-envolve-em-acidente-em-cachoeiro-de-itapemirim-es.ghtml>>. Acesso em: 16 mai. de 2021.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Unesp, 2018.

_____. *Gramática na escola*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2005.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola?*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

RANGEL, M. M. M. Multimodalidade e construção de identidade social em manchetes jornalísticas. *Cadernos do CNLF*, Vol. XIV, Nº 2, t. 2.

SANTOS, D. R. S. *O funcionamento dos elementos adverbiais no gênero propaganda*. 2016. 145f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

SILVA, A. A. (2017). O livro didático de língua portuguesa: novas possibilidades de abordagem no ensino da sintaxe. *Estudos Linguísticos* (São Paulo, 1978), 46(2), 516–528. <https://doi.org/10.21165/el.v46i2.1550>

SPERANÇA-CRIOULO, A. C. *Funcionalismo e cognitivismo na sintaxe do português: uma proposta de descrição e análise de orações subordinadas substantivas para o ensino*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.



VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. V. Ensino de gramática: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007.